

O HOMEM TRÁGICO DE NIETZSCHE

Patrick Luan dos Santos¹

Léo Peruzzo²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal descrever a concepção de homem segundo o filósofo Friedrich Nietzsche. A problematização parte da concepção metafísica do homem. Como essa visão tradicional impactou na maneira do ser humano pensar e agir durante a história ocidental. Para isso, dedicamos a primeira parte do trabalho descrevendo como se deu o encontro de Nietzsche com o pensamento grego. As influências que o filósofo sofreu da cultura grega, e também dos filósofos gregos, na sua formação filológica que impactaram em sua filosofia. A segunda parte do trabalho descreve a visão antropológica de Nietzsche. Como que a moral influenciou na construção do homem Ocidental e quais as implicações que isso trouxe para a sociedade. O que se entendeu por verdade até agora é colocado em dúvida pela filosofia de Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVE: Animal. Cultura grega. Homem. Metafísica. Moral. Verdade.

ASTRATTO: Il presente lavoro ha come obiettivo principale quello di descrivere la concezione dell'uomo secondo il filosofo Friedrich Nietzsche. La problematizzazione parte dalla concezione metafisica dell'uomo. In che modo questa vista tradizionale ha influenzato il modo in cui gli umani pensano e agiscono durante la storia occidentale. Per questo, dedichiamo la prima parte del lavoro che descrive come ha avuto luogo l'incontro di Nietzsche con il pensiero greco. Le influenze che il filosofo ha sofferto della cultura greca, e anche dei filosofi greci, nella sua formazione filologica che ha influenzato la sua filosofia. La seconda parte dell'opera descrive la visione antropológica di Nietzsche. In che modo la moralità ha influenzato la costruzione dell'uomo occidentale e quali implicazioni ha avuto questo per la società. Ciò che è stato compreso fino ad ora dalla verità è messo in discussione dalla filosofia di Nietzsche.

PAROLE-CHIAVE: Animale. Cultura greca. Uomo. Metafísica. Morale. Verità.

¹ Bacharelado do terceiro ano de filosofia da Faculdade Vicentina de Curitiba.

² Pós-Doutorado pela Università Ca' Foscari, Venezia (Visiting Scholar). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUCPR, do Centro Universitário Franciscano do Paraná - UNIFAE/PR e da Faculdade Vicentina - FAVI. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Editor-Chefe da Aurora Journal of Philosophy (Qualis A2). Além do Brasil, realizou conferências na Espanha, Portugal, Itália, Coréia do Sul, México, Peru e Argentina. Pesquisa os seguintes temas: Epistemologia e Representação Mental do Conteúdo Moral; Linguagem e Intencionalidade; Transumanismo e Cognição; Filosofia do Direito.

INTRODUÇÃO

Na primeira parte do trabalho consta a aproximação de Nietzsche com os filósofos e a cultura grega. Na primeira fase de seu labor filosófico, Nietzsche intensifica seus estudos sobre os gregos, e nessa busca descobre o deus Dioniso. Sobre a figura deste deus – mais conhecido como o deus da embriaguez – eram atribuídas as festividades na Grécia. O filósofo alemão identifica Dioniso como o deus responsável pelas pulsões humanas. Nietzsche descobre também que é na tragédia grega que aparece a figura do herói, aquele que mesmo diante das adversidades consegue valorizar e fazer do sofrimento sua “escada” para a valorização da vida. A segunda parte do trabalho expõe a crítica que o filósofo faz a concepção tradicional metafísica acerca do homem. Nietzsche considera que o dualismo platônico e a moral tradicional tornaram o homem doente, ou seja, desvinculado do seu estado natural dionisíaco. O filósofo coloca em dúvida a própria noção de verdade, e considera que o ser humano se difere do animal justamente pela capacidade demasiada de contar mentiras. O homem é o animal que conta mentiras para si mesmo.

1. NIETZSCHE E A CULTURA GREGA

O encontro de Nietzsche com os gregos se dá na sua primeira fase filosófica. Nietzsche era formado em filologia. Porém, seu primeiro contato com a filosofia foi um caminho sem volta. Começou a se interessar por filosofia através do livro de Schopenhauer, *“O Mundo como Vontade e Representação”*. A partir daí mergulhou de vez na disciplina, “[...] ele se sentia confirmado na sua paixão pela música, pela ideia de Schopenhauer de redenção pela arte”. (SAFRANSKI, 2009, p. 37). A visão “pessimista” e trágica do mundo observada por Schopenhauer não assustava o jovem Nietzsche, pelo contrário, o atraía cada vez mais.

Sua formação de filólogo iria fazer a diferença nos seus estudos posteriores de filosofia. Ao estudar a língua grega, Nietzsche encontra-se perante a nostalgia da Grécia Antiga. Ele estuda os filósofos clássicos. Contudo, ele chega a uma conclusão: os homens da Grécia Clássica foram os que mais chegaram perto de serem os “homens superiores” da humanidade. O homem grego tinha todas as pré-disposições de uma cultura elevada. Na Grécia o homem estava em casa, na sua pátria. Depois do homem ter perdido a tragicidade da vida, o

homem foi despojado da sua realidade. Não se está mais em casa quando não se vive a tragicidade da vida. Como diz Nietzsche (1885 apud LEFRANC, 2011, p. 42), “Em parte alguma se está em casa, aspira-se enfim a um retorno que permite estar em casa de qualquer forma, e porque é lá que se gostaria de estar, e é o mundo *grego!*”.

No século XIX houve estudos aprofundados sobre a cultura grega na Alemanha. A filologia era uma disciplina indispensável nas universidades alemãs. Mesmo como professor na Basileia ele procurava algum tema que fosse relacionado com a música para que pudesse trabalhar. “Depois do encontro com Richard Wagner ele percebe que há algum tempo tem esse material nas mãos: a tragédia grega” (SAFRANSKI, 2017, p. 51). A partir daí ele se debruça sobre a tragédia³ que era apresentada nos teatros da Grécia Antiga. Enfim Nietzsche acha um tema interessante para sua pesquisa, aliando a sua paixão pela arte, principalmente pela música.

Em 1872, Nietzsche escreve sua primeira obra, *O Nascimento da Tragédia*. Pois bem, essa obra corresponde à fase inicial do filósofo⁴ (pessimismo estético). O livro é escrito ainda sob forte influência de Richard Wagner. Mais tarde na sua autobiografia, o escritor reconhece que o título mais adequado e menos ambíguo seria, “Helenismo e Pessimismo”. A obra foca em dois pontos principais da análise da filosofia grega: o fenômeno dionisíaco e o socratismo.

Nietzsche, por seu estudo aprofundado sobre os gregos, descobre nas festas dionisíacas a origem da tragédia. Foram os excessos de sentimentos dionisíacos que deram origem ao teatro grego. A tragédia na Grécia não significava desgraça, pelo contrário, valorizava-se o homem que vence as adversidades, o herói, o corajoso. Servia para mostrar que as adversidades da vida eram necessárias.

Nas investigações feitas por Nietzsche, o filósofo descobre que a música, ou seja, o coro do teatro ático culminou na tragédia que os gregos apresentavam. “Nietzsche considera como fora de dúvida que a tragédia, no início, não foi mais do que o coro”. (LEFRANC, 2011, p. 84). Havia, portanto, já nos ditirambos de Dioniso, todos os elementos teatrais. A descoberta de Nietzsche, portanto, é que no seio das festividades dionisíacas, a música tinha um papel fundamental, ao contrário da poesia, pintura e arquitetura. Assim, portanto, a esse elemento

³ “A tragédia grega – local de dança onde pode ser arrebatado para o torvelinho do Ser”. (SAFRANSKI, 2017, p. 52).

⁴ “O primeiro período, em que se revela a influência da filosofia de Schopenhauer e das ideias de Wagner, abrange os escritos religiosos entre 1870 e 1876”. (MARTON, 1993, p. 78).

dionisiaco, o filósofo chamou de “espírito da música”, que contagiava a todos.

O nascimento da tragédia na Grécia, segundo Nietzsche se deu por duas condições específicas. Primeiramente o aparecimento do herói trágico Dioniso⁵. Uma segunda condição que foi necessária para o surgimento do novo modo de fazer arte dentre os gregos, era que já havia uma ética, uma religião, e uma música apolínea⁶.

O motivo pelo qual Nietzsche valoriza a tragédia está no fato de que, na tragédia há uma combinação muito forte de sentimentos, uma mistura de caos e ordem ao mesmo tempo, sem ser mais uma do que a outra, mas sim, uma complementariedade. “Nietzsche argumenta que a tragédia combina dois tipos de estética que são usualmente mantidos em separado nas outras artes: o apolíneo e o dionisiaco” (WOODWARD, 2016, p. 23). O filósofo valoriza a música, pelo fato dela ser a completude dos deuses Apolo e Dioniso. Porém, nas outras artes, ou se é apolíneo ou dionisiaco, mas não necessariamente as duas coisas ao mesmo tempo. A verdadeira arte, no pensamento nietzschiano é exatamente essa conciliação entre razão e pulsão, que estava presente na época “trágica” dos gregos.

O êxtase gerado nas festividades de Dioniso levavam o sujeito a perder a sua individualidade. Como um bêbado perde a noção de indivíduo e se torna “amigo de todo mundo”, o embriagado desse espírito torna-se parte de uma coletividade. Portanto, se tem aqui as expressões de todos os sentimentos pessoais. As emoções são liberadas. Porém, aí se faz importante a presença do espírito apolíneo, para que haja uma transição segura entre a coletividade e a individualidade, entre a pulsão e a razão. O homem necessita de seu estado natural, porém, ele deve regressar ao seu estado cotidiano. “A apresentação da tragédia no fim das festas dionisiacas não é senão esse ritual de transição da vertigem coletiva para a vida cotidiana da cidade” (SAFRANSKI, 2017, p.53).

O deus Apolo é simbolizado nas artes plásticas⁷. Além do mais, ele é o deus da beleza. Também é atribuído a ele toda harmonia e constância, a medida

⁵ “Este é o único a ser verdadeiramente real sob as aparências diversas dos heróis épicos claramente individualizados na epopeia” (LEFRANC, 2011, p. 86)

⁶ “[...] o apolinismo não se limita à produção de belas formas, belas imagens plásticas ou verbais [...]” (LEFRANC, 2011, p. 86).

⁷ “As artes plásticas, a arquitetura, o mundo homérico dos deuses, o espírito da epopeia – tudo isso é apolíneo” (SAFRANSKI, 2017, p. 57).

justa do agir. O Ser de Parmênides é apolíneo, porque, afinal, o Ser é imóvel, estável, fixo, eterno e infinito. Essa foi a âncora que Sócrates e Platão usaram para embasar suas teorias filosóficas. Sobre as artes plásticas Lefranc argumenta:

As artes plásticas têm uma finalidade totalmente diferente: aqui Apolo supera os sofrimentos do indivíduo pela glorificação brilhante da eternidade do fenômeno; aqui a beleza triunfa sobre os sofrimentos inerentes à vida, a dor, em certo sentido, desaparece dos traços da natureza por uma mentira (LEFRANC, 2011, p. 80).

Nas artes plásticas o sofrimento é dissipado pela maneira heroica com que o ator encara as adversidades. A figura do herói era tida como aquele que, vencendo suas lutas bravamente, e no final alcançava a felicidade e afastava para longe a dor. A beleza da vida se sobressaía. Porém, o que acontece nesse tipo de arte é que o sofrimento é afastado através de uma mentira. Inventa-se uma mentira para se sentir bem e elevado. O ser humano necessita de uma ilusão. Nietzsche explica o sentido da verdade e da mentira na sua obra de 1873, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*⁸.

A arte musical, porém, tem uma finalidade completamente diferente das artes plásticas, ela é impulsionada pelo espírito dionisíaco⁹. A figura do deus Dioniso representa o caos, pela desordem. Nesse estado, o ser humano vê a vida como ela realmente é, ou seja, enxerga a realidade trágica da vida. Se Apolo é o deus da harmonia, Dionísio é o inverso, é o deus da desarmonia. Encontramos presente aqui a filosofia heraclitiana, o ser é o não Ser. Tudo no mundo é movimento. Nada é fixo, tudo é mutável. Não há unidade, mas há uma multiplicidade. “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas afluem sobre si”. (HERÁCLITO, 2012, p. 20). Lefranc cita Nietzsche no que diz respeito a arte dionisíaca:

Na arte dionisíaca e em seu simbolismo trágico, esta natureza nos fala com sua voz verdadeira, não disfarçada: “Sede como eu sou! Eu, a mãe original que cria

⁸ “Ditado ao colega K. von Gersdorff em junho de 1873, o escrito é fruto não apenas de uma refinada espiritualidade, mas também de um importante redirecionamento especulativo”. (NIETZSCHE, 2012, p. 9).

⁹ “[...] Dioniso é o deus selvagem da dissolução, da embriaguez, do êxtase, do *orgiaco*. Música e dança são as formas preferidas”. (SAFRANSKI, 2017, p. 57).

eternamente a sucessão dos fenômenos, que os obriga eternamente a existir, que se satisfaz eternamente com esta sucessão de fenômenos” (LEFRANC, 2011, p. 80).

O deus da música nos mostra exatamente como o mundo é, em toda sua multiplicidade. Não negando o sofrimento, mas tirando proveito de cada sentimento desgostoso para a fortificação do corpo e para buscar um ânimo redobrado. Enfim, a verdadeira natureza se encontra no espírito dionisíaco para Nietzsche.

Nietzsche, no entanto, não nega o espírito apolíneo em detrimento do espírito dionisíaco, mas sim, uma complementariedade entre as duas forças. Porém, não é uma síntese, onde tira-se elementos bons e se exclui os elementos ruins para “limpar” as concepções. Também, no entanto, não é nem mesmo uma fusão. O filósofo enxerga que os dois espíritos se complementam, a vida é feita das duas percepções, e quando se escolhe por uma e deixa de lado a outra, geralmente está se reprimindo algo, ou seja, não está vivendo plenamente. Nietzsche chama o surgimento da tragédia grega de “fenômeno originário”¹⁰, pelo motivo das duas forças se completarem.

A tragédia grega nos ensina a como lidar com vida, a partir disso, faz-se uma tentativa de afirmá-la em sua condição. Os sofrimentos sempre estarão presentes na vida humana, não há como negar isso. Tentar amenizar as dores através de mentiras e ilusões (como faz o cristianismo) não é viver uma vida autêntica, mas sim, viver uma vida com máscaras do ponto de vista do pensamento de Nietzsche. As coisas ruins podem ser transformadas. Contudo, é a arte trágica que tem esse papel, como diz Woodward:

O mais característico da tragédia é que “coisas ruins acontecem” no palco, mas são transformadas esteticamente: enquanto tal, a tragédia nos ensina como lidar com a vida e até mesmo afirma-la enquanto reconhecemos plenamente o sofrimento que ela comporta (WOODWARD, 2016, p. 24).

Uma cultura superior, segundo Nietzsche, é aquela que aprende a lidar com os sofrimentos que a vida proporciona. Este é sintoma de uma cultura elevada. Para isso a arte deve ser prestigiada, deve ser valorizada. Em épocas em que a arte não teve espaço, a chance de viver uma vida autêntica também não foi

¹⁰ Segundo Nietzsche (1872 apud LEFRANC, 2011, p. 84) “[...] concepção de que a tragédia grega, como no coro dionisíaco, descarrega em imagem sempre novas, o mundo apolíneo”.

possível. “A arte é um antídoto para o sofrimento, somente a arte nos torna capazes de afirmar a vida com todas as suas contradições e desconhecimentos” (MOZÉ, 2018, p. 22).

2. O HOMEM NA CONCEPÇÃO DE FRIEDRICH NIETZSCHE

A maioria dos filósofos tomou em seus estudos o homem considerando-o como uma verdade eterna. Sempre se partiu do pressuposto de que o homem realmente existia como um sujeito eterno. Nietzsche, através de sua filosofia da suspeita, põe em dúvida essa proposição de que o sujeito é uma verdade eterna. O filósofo alemão inverte a ordem e parte do pressuposto de que talvez o homem, como representação metafísica, não exista, ou seja, que tudo o que expuseram sobre o homem ao longo da história foram construções fundadas de forma arbitrária, e não algo dado. Escreve Nietzsche:

Todos os filósofos têm em seu ativo esse defeito comum de partir do homem atual e pensam, fazendo uma análise do mesmo, chegar ao objetivo. Involuntariamente “o homem” lhes aparece como uma *aele veritas*, como um elemento estável no meio de todos os turbilhões, como uma medida segura das coisas. Mas tudo o que o filósofo enuncia sobre o homem nada mais é, no fundo, que um testemunho sobre o homem num espaço de tempo muito limitado (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

Nietzsche afirma que tudo o que foi criado para dizer o que é o homem foram invenções. O homem é o animal mais fraco na natureza, todos os animais têm uma arma instintiva para se manterem vivos, já o homem, porém, é desprovido dessas ferramentas biológicas, é desprovido de garras, presas, velocidade eficiente. Eis, então, que o homem inventa, em um tempo remoto da história universal o conhecimento, um impulso para uma verdade, e essa será a ferramenta, durante a história, para a sobrevivência desse animal racional:

Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto. Após alguns respiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não

teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido (NIETZSCHE, 2012, p. 25).

Não há nenhuma missão ulterior, ou seja, metafísica, para o ser humano. A única vida é o aqui e o agora. Por isso Nietzsche critica tanto o dualismo platônico, por ter inventado o mundo das “ideias” como forma de fugir da única vida existente. Antes do homem “descobrir” o conhecimento o mundo já estava aí, e quando o ser humano deixar de existir, o mundo continuará aqui. O ser humano não é o centro do universo, e nem a criatura abençoada por alguma entidade divina que o reencarnará em outra vida. Nietzsche desconstrói a ideia de homem metafísico criado pela cultura ocidental, através da sua crítica a moral.

O monstro que há em nós precisa ser controlado, precisa de algo para enganá-lo, este algo que o engana, Nietzsche chamou de moral:

A fera que há em nós precisa ser enganada: a moral é uma mentira forjada, para que não sejamos dilacerados por ela. Sem os erros que se encontram nos dados da moral, o homem teria permanecido animal. Assim, porém, se tomou por algo superior e se impôs leis mais severas. É por isso que odeia os segmentos que permaneceram mais próximos da animalidade; é por essa razão que precisa explicar o antigo desprezo pelo escravo, um ainda não-homem, uma coisa (NIETZSCHE, 2018, p. 57).

O homem só se elevou acima dos outros animais, por essa capacidade de inventar mentiras. A capacidade criadora que o homem tem de inventar mitos, religiões, conceitos, verdades, tudo isso contribuiu para a construção do homem ocidental. Essa é a história de um erro, na perspectiva nietzschiana. Foi através desse impulso que foi criado um mundo suprassensível, que tirou o homem da sua realidade sensível.

Durante a história da humanidade o ser humano privilegiou a razão e esqueceu-se que ele também é sentimento, paixão, desejo, vontade. Somente guiado pela razão, o homem sufoca e aprisiona seus instintos mais naturais. Como a razão salvou os gregos da tirania das paixões, hoje, as pulsões devem salvar os homens modernos da razão.

Nietzsche considera que no homem há uma necessidade para o ilógico, ou seja, as paixões, a língua, a arte, a religião. É impossível um ser humano

totalmente lógico, isso só é possível para os computadores, mas para o homem este estado puramente lógico é inatingível. “Até o homem mais racional necessita, de vez em quando, retornar à natureza, isto é, à sua *relação fundamental do ilógico com todas as coisas*” (NIETZSCHE, 2018, p. 46).

Nietzsche propõe que aquele que consegue se desvencilhar da noção de bem e mal, razão e emoção, ser e vir-a-ser, consegue superar a si mesmo. Quem faz da sua vida um “sim” e um “não”, ou seja, que toma decisões baseadas na sua vontade de potência¹¹, e não tutelado por outros, faz de seus atos atitudes que estão além de qualquer conceito que defina algo como bem ou como mal. Na perspectiva nietzschiana o que devemos fazer é amar nosso destino, como explica Scarlett Marton:

É inevitável que a existência tal como é, sem sentido ou finalidade, se repita; é imprescindível que o homem, não possuindo outra vida além desta, a afirme. Não temos escapatória: estamos condenados a viver inúmeras vezes e, todas elas, sem razão ou objetivo; tudo o que nos resta é aprender a amar nosso destino (MARTON, 1993, p. 67).

Nietzsche partilha do mesmo pensamento de Schopenhauer, de que a vida humana não tem sentido, só há dor e sofrimento. O ponto de divergência entre os dois filósofos se dá justamente no fato de que Nietzsche tenta justificar a vida – saindo assim do pessimismo schopenhauriano – através da ideia do eterno retorno.

Devemos aprender a amar nosso destino, nossa história¹². “Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida” (MARTON, 1993, p. 67). Nietzsche entende a vida humana nessa perspectiva, é a partir da vivência da própria vida que podemos dar algum sentido a ela. O erro que se cometeu foi achar que o que dava sentido à nossa vida estava fora, num mundo exterior, num além. O dualismo platônico nos retirou a possibilidade de viver uma vida plena, a única possível, na sua adversidade e multiplicidade, e nos levou a crer em um mundo imaginário, ideal e fictício que não existe.

¹¹ “A vontade de potência, impulso de apropriar e dominar, leva a força a querer prevalecer na relação com as demais; atuando em todas elas, desencadeia uma luta geral e permanente”. (MARTON, 1993, p. 66).

¹² “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati* [amor ao destino]; nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade”. (NIETZSCHE, 2012, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche enxerga o homem como criador de fábulas que, assim, busca pela sua sobrevivência. A moral foi a teia que enlaçou o homem em suas mentiras justificando suas ações. A racionalidade levou este ser a esquecer de seu outro lado, o lado dionisíaco das emoções. É este lado pulsional que Nietzsche tenta resgatar. Vimos através desse trabalho que a percepção de Nietzsche não está sedimentada a nenhum fundamento metafísico. Pelo contrário, só há uma vida, somente o aqui e o agora. Qualquer doutrina que prometa uma vida além dessa é ilusão. A vivência plena da vida se dá na sua multiplicidade. Tanto a alegria como a dor são elementos importantes que nos formam como pessoa. O *além-do-homem* é aquele que vive o presente – sem remorso do passado, e sem ansiedade pelo futuro – tentando “alimentar” a sua *vontade de potência*, ou seja, as pulsões que trazem benefício a nossa vida.

REFERÊNCIAS

BENSUMSAN, H; ANTUNES, L.; FERREIRA, L. **Heráclito**: exercícios de anarquologia. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2012.

LEFRANC, Jean. **Comprender Nietzsche**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.

MOZÉ, Viviane. **Nietzsche hoje**. Petrópolis: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2018.

_____. **Sobre verdade e mentira**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2012.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche**: biografia de uma tragédia. Tradução de Lya Luft. 4ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2017.

WOODWARD, Ashley. **Nietzscheanismo**. Tradução de Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.